

Solenidade de Nosso Pai São Bento 11 de julho de 2107

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Celebrar a festa de São Bento é para todos nós uma oportunidade a mais para refletir se, de fato, vivemos com seriedade nosso batismo.

Sabemos que o seguimento do Senhor nós o fazemos pelo batismo, não havendo outro. Todos os batizados são, por vocação, chamados à vivência do Evangelho em sua radicalidade; a desfrutar, por que necessário, dos sacramentos que são gestos salvíficos do Cristo; a crescer no conhecimento da fé que professam; dedicar-se à oração pessoal e litúrgica e não deixar passar jamais a oportunidade de anunciar a salvação operada pelo Cristo Jesus.¹

¹ 2Tm 4,2 : *“proclama a Palavra, insiste, no tempo oportuno e inoportuno...”*

Retorno sempre à mesma tese sobre o lugar eclesial na Igreja que nos é oferecido como espaço para viver o batismo. Portanto, o que, comumente, denominamos vocação, vem a ser um lugar para a vivência da consagração batismal, cuja eficácia sacramental nos faz filhos de Deus por sermos filhos do Cristo, que se une à sua Esposa, a Igreja. Dessa união, do qual o matrimônio é sacramento, renascemos. Do útero da Igreja, que é a Pia Batismal, os filhos de Adão tornam-se filhos de Deus.

A partir dessa reflexão, podemos concluir que os espaços eclesiais para se viver o batismo são diversos, porém todos com a mesma exigência que implica o seguimento do Cristo e o mesmo escopo, a saber, a salvação eterna, porque *“há uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos...”*; há apenas uma só Igreja.

Há textos litúrgicos com os quais não me simpatizo muito referentes à vida religiosa qualificando-a de vida mais perfeita ou seguimento mais perto do Cristo. Diz a oração da Coleta do formulário pelas vocações religiosas: *“Pai santo, que chamais todos os fiéis à caridade perfeita, e inspirais a muitos seguir mais de perto o vosso Filho...”*² Também na Introdução do Novo Rito de Profissão Religiosa, no item “Natureza e valor da Profissão Religiosa” reza o texto: *“Pelos votos religiosos, muitos fiéis, chamados por Deus, se consagram ao serviço do Senhor e ao bem dos homens e se esforçam por seguir mais de perto a Jesus Cristo, observando os conselhos evangélicos”*³

Com razão, pelos conselhos evangélicos há maior liberdade e disponibilidade para seguir a Cris-

² Missal, Ed. Paulus, 1992, pg. 895

³ Novo Rito de Profissão Religiosa, Ed. Paulinas, 1972, pg. 11

to. Tal realidade nós a encontramos no chamado aos apóstolos: “... e deixando tudo, eles o seguiram.”⁴

Em São Lucas – perícópe paralela ao texto de São Mateus proclamado hoje – Jesus menciona claramente a finalidade de deixar tudo: o Reino. “*Não há quem tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus...*”⁵

Entendo que nossa vida de continência – eunucos por causa do Reino – não nos aproxima mais de Deus do que os demais cristãos que vivem o sacramento do matrimônio, porém nos faz mais disponíveis para o Reino, ou seja, para o anúncio da Boa-Nova, para administrar os sacramentos, para a oração contínua e o louvor divino, para o serviço da caridade, da misericórdia, da consolação, etc.

⁴ Lc 18,28-30

⁵ Lc 18,28; Mt 19,27-29

São Bento, fiel à Tradição de seus Maiores, no Prólogo de sua Regra, utilizará, exatamente, um texto que muito provavelmente foi uma homilia para catecúmenos da Noite Santa de Páscoa. Logo, para ser monge é preciso, simplesmente, ser cristão. Antes de terminar o texto, já de sua autoria, proporá um lugar para se viver o batismo: a Escola do Serviço do Senhor, com seu magistério e disciplina próprios, a partir do Evangelho, única e verdadeira regra de vida do monge.

Essa Escola do Serviço do Senhor não formará homens e mulheres pertencentes a uma elite espiritual ou mística, como também, homens que viverão mais perto de Deus e terão uma vida mais perfeita. Formará cristãos simplesmente que, abraçando esse tipo de vida adequado a poucas pessoas – o monaquismo nunca foi um fenômeno de massa – estarão

totalmente disponíveis para o Reino e, pelo celibato consagrado, a missão de sinalizar a vida futura.⁶

São os filhos de São Bento bem-aventurados, porque o Senhor os chamou para viver em seus átrios considerando suas fragilidades, pois teriam dificuldades em outros espaços eclesiais, mas, também, considerou a fortaleza de alma que possuem para enfrentar a mais desafiante das lutas de um ser humano: unificar seu ser; não dividir nem seu coração nem seu corpo com nada e ninguém, justificando assim o título de monge que endossa. A palavra monge vem do grego “*mónos*”, que significa um, sem divisão. Se, no claustro, o monge trabalha, com o auxílio da graça, para a unificação de seu ser, será instrumento de unidade em sua comunidade e na

⁶ Mt 22,30 “Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos no céu”.

Igreja. Se totalmente dividido em seu ser, gerará divisão aonde se encontra.

O Senhor nos ajude, caros irmãos deste Mosteiro, a unificar nosso ser tendo o coração e o corpo castos e, só assim, com muita liberdade, seremos plenamente generosos e disponíveis para o Reino; nada e ninguém ser-nos-á um laço que nos amarra, mesmo que este nos traga o enganoso prazer do falso brilhante, aquele que nos fascina e inebria, seguramente, só por um lapso de tempo, pois não provém da verdadeira fonte: o amor de Deus.

Deus nos abençoe a todos!